

PRAIAS INTERIORES E A AUSÊNCIA DO MAR¹

Inner beaches and the absence of the sea

Aline Lúcia Nogueira Medeiros²

RESUMO

Uma leitura sensível da paisagem urbana em Belo Horizonte – MG evidencia a força dos limites e a necessidade de transgressões. Os limites do urbano determinam, distanciam e separam. Não apenas seus componentes visíveis e tangíveis, que são rua, praça, casas e prédios, avenidas impróprias ao andar, mas o que está nisso e, além disso: na abstração do olhar, nos sentidos urbanos. Sentir o urbano a partir do corpo consciente é experienciar com os pés, mãos, estômago atentos. Já transgredir é tanto a ação humana de exceder ou atravessar os limites, quanto a ação do mar de superar as suas próprias linhas litorâneas e molhar mais a costa. São dois movimentos nos quais se principia o caos, o início de algo imprevisível, justamente por enunciar novas (des)ordens. Quando o mar inunda a ordem urbana distante do litoral sem a previsibilidade do afogamento, sentimos o inusitado libertador como se fosse uma brisa, refrescante e prazerosa de carícias. A brisa do mar se espraia como um convite, um chamado ou mesmo uma invocação. As praias interiores se revelam na ausência do mar, que invade.

Palavras-chave: Belo Horizonte. Urbano. Fenomenologia. Paisagem.

¹ Esse texto constitui um extrato da minha dissertação de mestrado, intitulada “A lenta dança do mar na costa ou uma leitura sensível da grafia das ondas”, defendida em agosto de 2017 no Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFMG, sob orientação do prof. Dr. Carlos Fernando F. Lobo e coorientação da profa. Dra. Virgínia de Lima Palhares. Financiamento: bolsa de pesquisa CAPES (MEDEIROS, 2017).

² Geógrafa pela Universidade Federal de Minas Gerais (2014); Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Minas Gerais (2017) e bolsista CAPES (2015-2017); membra do Núcleo de Pesquisa em Geografia Humanista (NPGEOH/UFMG). alinelmed@gmail.com.

✉ Rua Prof. Hermínio Guerra, 180, B. Itapoã, Belo Horizonte, MG. 31710-040.

ABSTRACT

A sensitive reading of the urban landscape in Belo Horizonte – MG shows the strength of the limits and the need for transgressions. The limits of the urban determine, distance and separate. Not only its visible and tangible components, which are street, square, houses and buildings, improper avenues to walk, but what is in it and, moreover: in the abstraction of the look, in the urban senses. To feel the urban from the conscious body is to experience with attentive feet, hands, and stomach. Already transgressing is as much the human action of exceeding or crossing the limits, as the action of the sea to surpass its own coastal lines and to wet the coast more. These are two movements in which chaos begins, the beginning of something unforeseeable, precisely because it enunciates new (dis) orders. When the sea floods the urban order far from the coast without the predictability of drowning, we feel the unusual liberator as if it were a breeze, refreshing and pleasurable with caresses. The sea breeze spreads like an invitation, a call or even an invocation. The inner beaches are revealed in the absence of the sea, which invades.

Keywords: Belo Horizonte. Urban. Phenomenology. Landscape.

INSINUAÇÕES DE LIMITES, MUROS E A PAISAGEM URBANA

O chão duro de concreto ou de asfalto na cidade é um sustento ainda mais instável que a maleabilidade da água líquida. Ele é incapaz de ser solo para imensidão da existência de cada um de nós, sendo ao invés limite. Os limites da ordem urbana conduzem o cotidiano na cidade, nossos corpos e almas, chegando a definir a moldura total de nossas vidas. A transgressão, então, se torna estratégia de sobrevivência sensível.

O horizonte da cidade visto das serras que contornam seus limites se perde na coloração desbotada e pastel das construções vistas de longe. O próprio céu se tingem dessa cor. Uma de nossas maiores criações, fumaça de gases concentrados e material particulado, entra no corpo fedendo e nos tornando alérgicos à vida. Olhos ardendo, espirros e gargantas fechando, reações da pele que coça e arranha: um sentir que pede socorro, pede o desligamento imediato da conexão inevitável com o mundo. Dos mirantes das serras que contornam a cidade, as construções, as ruas e prédios e o próprio céu urbano parecem se mesclar e dissolver em um grande nada. O burburinho das sirenes e dos estampidos se torna testemunha da vida que pulula nas construções vistas a distância. Sabemos que há vida, uma vida urbana regrada por suas geometrias, temporalidades, materiais e permissões.

A cidade vivida por dentro tem seus significados. Desvendá-los permite a compreensão da matéria na qual estamos sendo feitos, das suas repercussões e ecos no nosso corpo e pensar. A vida é tanto o impulso desperto e orgânico no qual somos tecidos, como a maneira que habitamos esse mundo. A vida e o espaço se mesclam de forma inescapável. Somos espaço sensível em carne e sangue, o tempo todo imergidos no mundo. Sugamos nossa vida do espaço, extraímos do próprio mundo. Introduzimos o mundo em nós para que possamos ficar

mais um dia consciente, mais uma hora e mais um minuto. A imersão no mundo nos rege, o cotidiano nos domestica. Não considero essa troca inevitável da nossa existência com o mundo inofensiva. Vivemos essa conexão sensível segundo as possibilidades e limites que o próprio espaço nos oferece.

Os limites do urbano se enraízam nos corpos que o habitam. Não são fronteiras expansíveis, mas ordens rasas. Hissa (2006, p. 34), geógrafo, afirma que “o limite estimula a ideia sobre a distância e a separação”. Os limites do urbano determinam, distanciam e separam. Não apenas seus componentes visíveis e tangíveis, que são rua, praça, casas e prédios, avenidas etc., mas o que está nisso e, além disso: na abstração do olhar, nos sentidos urbanos. Sentir o urbano a partir do corpo consciente é experienciar com os pés, mãos, estômago atentos. É entender suas mensagens sensíveis, seus significados. A desatenção à vida urbana cotidiana repercute na mera assimilação dos seus limites, na transposição impensada das suas regras para o próprio corpo.

A cidade é feita em traçados lineares de asfalto, em retângulos habitados de concreto, vidro ou azulejo decompostos em polígonos menores, nas linhas eretas dos postes interligadas pelos fios que se esticam metros acima das ruas. Quadrados, retângulos, triângulos, círculos. A cidade é arquitetada nas linhas retas e nas curvas proporcionais e previsíveis. A ordem urbana é geométrica. Suas medidas são calculadas antes mesmo de serem erguidas. Ela diz em meios aos números pré-determinados: seja legível. Seja legível em formas esperadas, em linhas retas e claras.

A racionalização das ocupações nas cidades, dos corpos e das mentes dos cidadãos, já é bem conhecida na história. Os romanos, durante a república e o império, impunham um padrão urbanístico constante e uniforme nas cidades que conquistavam (SENNET, 2008). “A geografia do espaço romano disciplinava o movimento corporal



Figura 1 – Limites e sentidos da paisagem urbana em Avenida Brasil, Belo Horizonte – MG.
Fonte: A. L. N. Medeiros, junho de 2018.

e, nesse sentido, conduzia à regra de olhar e obedecer, que estava vinculada de forma intrínseca ao *diktat* olhar e acreditar” (SENNET, 2008, p. 122). O processo de dominação dos povos pelos romanos incluía a reconstrução do espaço segundo os padrões geométricos romanos, com claras intenções sobre a dominação dos corpos e das mentes dos cidadãos. Atentar para o apelo corporal que viver em ruas e prédios de geometrias simples acarreta é parte da compreensão dos significados de se habitar a cidade.

Contrapondo as formas do urbano temos as transgressões do orgânico. Quem já atentou aos caminhos e formas que as árvores fazem? À riqueza de configurações complexas? Seus troncos que se entrelaçam e expandem em uma

profusão de folhas e flores e frutos. Até essas formas, que se distanciam da ordem, estão ameaçadas... Quando não são meramente podadas em função dos limites claros dos fios que caminham acima das ruas, são completamente derrubadas. Na ordem urbana, admitem-se árvores de fácil controle.

A ordem urbana é compreensível em sua ausência de espontaneidade. Rua alguma se move como o serpentear de um rio meandrante... O espontâneo é transgressão. É uma espécie de incômodo que aprendemos a esperar com armas em punho e a combater no momento que surgir. O urbano sinaliza para quem vive: seja legível! Combateremos sua espontaneidade até que sobre apenas tédio, previsível. Seja legível nas determinações preconcebidas das suas roupas, cores, afeições, do que usa nos pés e nas orelhas, no que carrega nos braços. Nos seus caminhos e locais, nos usos que faz do espaço.

Na cidade é permitido o caminhar geométrico. Ele é dado nas formas das ruas, nas passagens para pedestres, nos caminhos demarcados nas gramas dos jardins. Os passos demonstram para quem tem tato para sentir: tenha uma direção! A cidade cresce tentando furar o ar. Para cima se torna uma de suas direções preferenciais, seguida pela verticalidade das habitações, monumentos e postes. Pela verticalidade da vida no corpo humano, que valoriza a cabeça como lugar primordial da mente.

O céu, espontâneo e incontável, é pouco a pouco eclipsado pelo corpo dos prédios. Quem se hipnotiza vendo as nuvens passarem se a tela agora é estática e preenchida por figuras geométricas? Nem a noite é

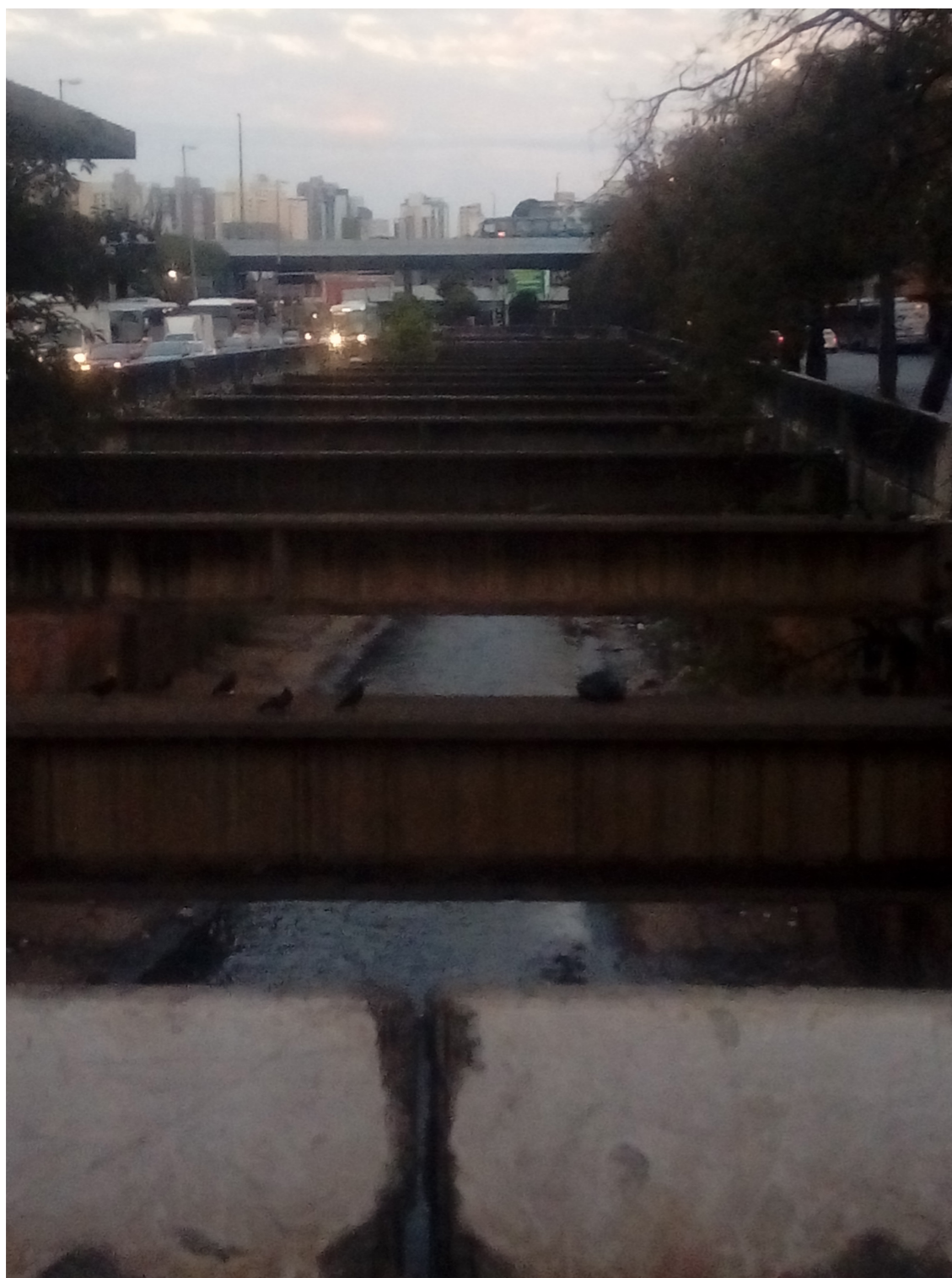


Figura 2 – Rio Arrudas incontido em Avenida do Contorno, Belo Horizonte – MG.
Fonte: A. L. N. Medeiros, junho de 2018.

possível ver o disparate da desorganização das estrelas, pois os corpos geométricos permanecem iluminados ocupando em matéria o noturno do céu. Antigo passatempo é esse de buscar formas inusitadas e fugidias no céu. Agora o sentido é estático e geométrico. O que isso nos diz sobre nós? Qual sentimento encontra reverberação ao olhar para cima agora?

Regulando os tempos em função racional, a ordem urbana não permite a ninguém ter seu próprio tempo. O mistério dessa força que nos regula é abafado pela sua contagem. Dividir precisamente o tempo em uma máquina de engrenagens cujo único feito é correr em círculos nos distrai da desordem que é viver sempre em todos os tempos possíveis. Quem ainda acredita que haja alguma diferença entre as ditas três modalidades de tempo nunca atentou ao viver, a si. Tudo é o mesmo. Não existe divisão. Apenas atenção. Nunca atentou para os seus tempos próprios, intimidade que nos define.

Os sons urbanos são desproporcionais ao fôlego, criados no vibrar material para gritar. Tudo grita. As sirenes, as máquinas da construção, as buzinas, as batidas, os alarmes do privado... A constituição do sonoro no urbano é uma nuvem de barulho. Ela permanece ao fundo, gritando abafado, mesmo no meio da noite. Às vezes, é música. Ela grita para quem tem ouvidos: se apresse! Serres (2001, p. 105) nos diz:

[...] a sociedade produz um ruído colossal que está de acordo com ela, o rato das cidades se distingue do rato do campo por estar imunizado contra esse ruído. Nossas megalópoles ensurdecem: quem suportaria este inferno sem desfalecer se não contasse com a equivalência entre o grupo e o barulho? Fazer parte de um consiste em não ouvir o outro.

Furando a nuvem de barulho, a melodia aguda dos pássaros, o farfalhar do vento nas árvores, o barulho da água que cai e que abafa. Às vezes, desejamos a paz da tempestade porque ela silencia a nuvem de barulho urbano. Os barulhos que furam a nuvem urbana de sons são transgressões de fronteira, são expansões libertadoras.

As áreas verdes urbanas são controladas e formatadas. Às vezes, desmontadas e remontadas. Nelas, intenta-se a ordem. Procura-se conter o expansivo em limites claros. Daí a necessidade de manutenção constante...

A ordem urbana quer apagar a água. A água em sua fluidez característica é considerada uma ameaça à ordem. Os rios, riachos, córregos estão contidos em enquadramento lineares e estáticos. Conter aqui não abarca a sua singularidade, mas limita e encaminha. Momentos em que o rio enche e se espraia, conforme sua própria dinâmica milenar, são temidos. A frequência desses momentos não leva ao reconhecimento e a compreensão dessa dinâmica incontrolável enquanto houver água, mas a uma exortação pela tolerância à tragédia. Aprisionamos as águas nos subterrâneos invisíveis que não as contêm e transbordam, porque as águas são uma imersão expansiva.

Parte da nossa cotidianidade nessa região particular do mundo da qual falo, caracteriza-se pela imersão diária na água que limpa. Corre, banha e se vai para subterrâneos que não acompanhamos. Parte de quem somos está no contato diário do nosso corpo com a água. Mas não mais mergulhamos na água viva... todos os dias. O desejo, porém, é tão latente que é frequente escutar sobre a necessidade de um mergulho em águas de cachoeira ou de mar para limpar de verdade. Limpar das coisas ruins, do cansaço, para se renovar. É vitalidade molhada, limpeza profunda.

É da essência da água a maleabilidade que nos contém e convida. Quando a água é esgoto, a imersão é sempre um envenenar. É insuportável para o corpo e, logo, não mais pode ser considerada água.

O urbano elimina a água, da vista, do tato, da audição. Retira da experiência a capacidade de imersão em profundidade, de estar contido e envolto de carícias pelo espaço. Retira da experiência o convívio corporal com as surpresas que estar imerso guarda.

A geometria simples, as contagens determinadas, a previsibilidade e o controle são formas simplistas de se embasar toda a sociedade e a vida. Essas formas parecem resolver as grandes questões da nossa existência, mas elas só nos cansam numa exaustão labiríntica. Nunca vão satisfazer nossa profundidade. Mais do que isso: esses sentidos saturam nossos corpos, adentram nas nossas profundezas e as colocam em regras. Em pouco tempo, pensamos com o tempo urbano, com as linhas e formas simples do urbano... Pensamos e vivemos rasos. Nas superfícies. Aprendemos com o corpo que se desloca todo dia que o subterrâneo é água morta e suja. Nossos subterrâneos se esgotam. Tentamos domar as ocorrências selvagens, dar espaços limitados para que ocorram.

O urbano é sentido e exprimido na cidade, mas também se configura como característica quase fundante das pessoas cidadinas. Quanto dos espaços em que existimos cotidianamente são nossas criações singulares e expressivas? Quantos reverberam quem nós somos, singularmente?

Existem outras formas para nós?

Os limites urbanos estão dados nos traçados tangíveis, mas repercutem em todos os sentidos. Nas dores do pé à cabeça. "O limite pode ser transformado em muro mas, também, pode ser apenas uma insinuação" (HISSA, 2006, p. 39). Transformado em muro, ele se torna exacerbado. Faz-nos encarar tudo o que somos, pois não podemos o trespassar e nem ele a nós. Exacerbado, chega a ser matéria de desvios e conexão com desejos mais fortes. O muro, enquanto mera impossibilidade que é, nos faz ser mais profundos. Os muros urbanos



Figura 3 – Intervenção urbana em Estação Metrô Central, Belo Horizonte – MG.
Fonte: A. L. N. Medeiros, março de 2014.

desafiam os espíritos inquietos. “Mas o que são os muros senão interfaces disfarçadas, camuflagens de espaços mais amplos, insinuações concretas para reflexão sobre a liberdade ou sobre a transgressão libertadora?” (HISSA, 2002, p. 41).

Quando o limite é insinuado, porém, adentra os poros. Insinuação não deixa de ser tangível. A ordem do urbano não é uma sugestão. Ela é violenta e precisa. Ataca o corpo, a mente e o coração. Ela berra com toda a força e o tempo todo na nossa cara, exaurindo até o ser mais sensível e forte. A ordem do urbano ganha pela exaustão dos que a tentam combater.

O corpo que se move no urbano é facilmente cansado. Pelos barulhos, a velocidade, o ar que respiramos. Ele se desgasta em um sofrer lento e inexorável. Procuramos, então, fazer remendos. Remendos no estômago arruinado, no espírito que se recusa a levantar da cama.

Quando a experiência do urbano te diz para ter uma direção, se apressar e ser legível, o que ela realmente te fala é seja controlado, controlável. Não se demore em canto algum, nem mesmo em você. Não crie, não sinta; se possível, prenda a respiração. Apenas passe. Passe pela rua, pela avenida, pela cidade, pela vida. Na contramão dessa exigência urbana, estão as resistências. As resistências que se demoram.

TRANSGRESSÕES DO MAR, PRAIAS INTERIORES E PAISAGENS IMAGINADAS EM INTERSUBJETIVIDADE

Parte de ser urbano hoje é ter de gritar sua existência peculiar, ter de alterar as formas, linhas e cores dos prédios, das ruas e das latas de lixo para que também elas nos conttenham. Ser contido pelo espaço é poder se ver nas materialidades que o manifestam.

Sentir que sua existência, profunda e suave, se reverbera nas ruas e é vista e sentida.

O corpo sensível e consciente faz do urbano lugar de crescimento. Aproveita-se dos barulhos, se apropria e trabalha. Usa os caminhos como chão para suas pernas em danças próprias. Danças que o corpo cria a partir dos movimentos quase automáticos da cidade. Pinta o urbano em imagens de espraiamento humano, atentando para cada aspecto em deslumbramento. Mas mesmo isso é cansativo. É preciso um passo maior, um mergulho mais fundo.

Os muros do urbano seco se pintam de sereias, inúmeras, coloridas, magras, gordas, na água, em mergulho. São como os olhos do mar nos observando secar e esconder suas fontes, ignorar as águas que jorram. A promessa de sereia do mar, sedução mortífera, doce onde a água é salgada, se inverte: se faz salgada onde antes era doce, árida, morte por repulsão. Roberto Drummond (1988), escritor, já evidenciava o desejo: em Belo Horizonte, seus personagens, loucos com o mar, sofriam uma sociedade para seus adoradores. Mas lugar que sofre o mar, como seus amantes, ainda não atentou para suas transgressões.

Transgredir é tanto a ação humana de exceder ou atravessar os limites, quanto a ação do mar de superar as suas próprias linhas litorâneas e molhar mais a costa. São dois movimentos nos quais se principia o caos, essa ordem que ainda se configura como desordem para nós que não a explicamos. É o início de algo imprevisível, justamente por enunciar novas (des)ordens. É também por isso uma espécie de movimento libertador. Embora possamos desejar a transgressão e trabalharmos para que ela aconteça, é da sua própria natureza não ser precisa, certa ou facilmente induzida.

A transgressão está na essência da vida sensível no urbano, sendo às vezes a mesma transgressão do mar na cidade. Quando o mar inunda a ordem urbana distante sem a previsibilidade do afogamento, sentimos

o inusitado libertador como se fosse uma brisa, refrescante e prazerosa de carícias. A brisa do mar se espraia como um convite, um chamado ou mesmo uma invocação. Se para o mar ou para transgressão, ainda não sabemos.

Foi em 1989 que o “Grupo Galpão”, companhia teatral do urbano belo-horizontino, se articulou na primeira expressão praiana nas praças: “Queremos praia” contou com aproximadamente 40 artistas a curtir em trajes próprios essa paisagem imaginária (MELO, 2014). Nesse sentido, Thálita Melo (2014, p. 24) afirma ainda que “elementos cotidianos do banhista se transformam em cênicos, reforçando a resignificação desse espaço, antes praça, vivenciado e reivindicado como praia”. Nesse que foi talvez o início bem tímido de um movimento



Figura 4 – Sereias em muro na Avenida do Contorno, Belo Horizonte – MG.
Fonte: A. L. N. Medeiros, março de 2014.

que em alguns anos tomaria o contorno das centenas de pessoas unidas curtindo praia em pleno centro da vida urbana.

O inusitado que refresca e liberta é uma das características da transgressão bem-sucedida. Também a compõem a inspiração de novas ideias, o envolvimento do corpo e o rompimento de velhos limites com aberturas em potencial, que chegam a renovar o que já estava posto. É preciso, portanto, ter em mente as transgressões quando pensamos ou experienciamos a vida urbana para além dos seus limites.

A transgressão do mar surpreende o limite da costa. O limite, porém, está assinalado pelos olhos que entendem uma diferença do que é o mar e do que é a costa. “É abstração do olhar. É inquietação da visão” (HISSA, 2006, p. 23). O mar não compreende que é limitado a estar onde está; antes, o limite do mar é ser mar. Mesmo que esteja adentrando o continente além da costa.

Os limites do mar, das árvores, dos rios e do céu são antes abstrações do nosso olhar. Porosos, se assemelham a fronteiras. A fronteira “[...] está **voltada para fora** como se pretendesse a expansão daquilo que lhe deu origem” (HISSA, 2006, p. 34, destaques no original). As transgressões do mar e das árvores são transgressões de fronteira, de expansão. Assim como as transgressões sensíveis no urbano.

Em 2007, temos novamente uma transgressão de mar no urbano belo-horizontino. Thálita Melo (2014, p. 29-30) nos conta:

Seria uma manhã de domingo comum para um ser litorâneo brasileiro, adepto à faixa de areia. Contudo, trata-se de uma intervenção urbana proposta e vivenciada pelo coletivo [Conjunto Vazio] em Belo Horizonte, que – assim como o *happening* Queremos praia do Grupo Galpão – ocupou um espaço no centro da cidade mineira, ressignificando-o com seus corpos vestidos (e libertos) para a paisagem imaginária frente ao mar.

A paisagem praiana imaginária aqui se revela no corpo que ousa. Para Bachelard (1989, p. 18), imaginar “[...] é a faculdade de formar imagens que ultrapassam a realidade, que cantam a realidade”. Da mesma maneira, essa transgressão vai além das imagens já guardadas. Ela canta uma realidade, seduz, convida. O chamado, seja ele para o mar ou para a transgressão, se espraia no urbano como uma brisa marinha. Sensibiliza a pele e permite que o sol quebre mais diretamente no corpo, queimando.

Foi em 2010 que a praia ganhou força (MELO, 2014). Na controversa das leis urbanas que tentavam impedir o desfrute das praças pelas gentes, a transgressão fez mar e revolta. Centenas de pessoas em seus trajes de banho, protetor solar e bebidas se lançam ao sol e a água das fontes nesse movimento de vivência da cidade que ficou conhecido como “Praia da Estação”. Por alguns anos, as praias foram frequentes, aos domingos, reunindo amigos e desconhecidos num desfrute improvável e, à primeira vista, sem lugar. A praia chega do interior animado das gentes e ganha forma e força na intersubjetividade. Paisagem imaginada em conjunto canta a realidade.

A presença do mar no urbano seco é sensível nos encontros na praça, nos muros e suas imagens pintadas, nas vozes que compõem narrativas espontâneas. O mar é voz nas minas gerais, onde o relevo em meia laranja se estende no horizonte de maneira quase oceânica. A experiência de um urbano sem mar não é de ausência. O chamado ecoa e tem força. Do significado da ausência, Carlos Drummond (2015, p. 21) já revelava:

Por muito tempo achei que a ausência é falta.
E lastimava, ignorante, a falta.
Hoje não a lastimo.
Não há falta na ausência.
A ausência é um estar em mim.

Praias interiores e a ausência do mar
Aline Lúcia Nogueira Medeiros

E sinto-a, branca, tão pegada, aconchegada nos meus braços, que rio e danço e invento exclamações alegres, porque a ausência, essa ausência assimilada, ninguém a rouba mais de mim.

A praia que se presentifica aqui é feita pela ausência da paisagem, mas contida num interior expressivo, lugar de exposição, diversidade e transgressão. Os corpos que pintam essa paisagem fazem lugar temporário no centro urbano que grita, o tempo todo, às vezes apoiado por leis, que as gentes não se demorem no desfrute da rua – ou da praça.

O festejar a praia, espaço de possibilidade de imersão, é um convite para a transgressão do mar. Ele espreita na impossibilidade da presença que chega de fora e é completado pela vivência que chega de dentro. Ele sinaliza um desejo tão grande que já nos reunimos para esperar. Esperar agindo pelas mudanças necessárias no urbano para que nos contenha, nos surpreenda, nos extrapole. Aqui, o que salga o desfrute e a água na praia é o suor das carnes que brincam. O cheiro de centenas de pessoas suando juntas no sol que racha a pele, na água das fontes que jorram fazendo mar no ar molhado e volumoso e carregam o sal do suor para o chão da praia. É certo dizer que os saberes a que chegam as gentes da praia permanecem nas trocas em conversa, festas e rituais, mas também nos músculos e articulações do corpo. Nesse sentido, transparece onde as gentes querem e sonham.

O mar que chega no urbano seco é um convite, um chamado, uma invocação, que está ancorada na intimidade de nós mesmos e, de repente, nos rasga, nos desvela e revela. O fulcral de estar vivo, mistério exposto, abriga pela honestidade crua. E de repente não mais estamos limitados pelas direções



Figura 5 – Intervenção de Beatriz Mom, Diário do Mar de Minas em Avenida Augusto de Lima, Belo Horizonte – MG.

Fonte: A. L. N. Medeiros, outubro de 2016.

Praias interiores e a ausência do mar
Aline Lúcia Nogueira Medeiros

acertadas, tempos contados e corridos, explicações rasas para o que estamos fazendo aqui. Estamos dançando, cantando e extrapolando contingências, estamos vivendo a praia e uma grande festa.

Tentar compreender as experiências de praia a partir de um lugar distante do litoral não é, ao contrário do que já escutei, uma incongruência. É atentar para novas formas de experienciar o mar e a praia que não sejam a partir de presentificações ordinárias. É extraordinário que, em uma cidade sem mar, exista uma intervenção em um centro de arte que estimule um espaço marinho através dos sentidos da audição, do tato e do olfato. Que uma intervenção pinte com sal o mar em avenida, deixando a cargo dos carros, nosso próprio movimento “aquático”, a apagar (DIÁRIO DO MAR EM MINAS, 2017). É extraordinário que uma manifestação cultural e artística, de resistência urbana, faça da praça uma praia. Que a experiência de mar seja composta não apenas pela visão e pelo virtual, mas pela voz que encanta. É extraordinário constatar que viajar para conhecer o mar seja uma prática valorizada enquanto uma experiência de plenitude de vida. É extraordinário que logo aqui, longe da costa, o mar esteja nas conversas ordinárias de esquina.

O mar está nos corpos e nas ruas. Nas canções. Nas transgressões. Aqui, do urbano de onde falo e penso, o chamado para o mar ecoa e escava a pele... O chamado para o mar é a própria transgressão libertadora. O mar que chega no urbano seco a partir das vivências, que corre o caminho oposto ao da viagem para o mar, é uma loucura da existência.

Explode.

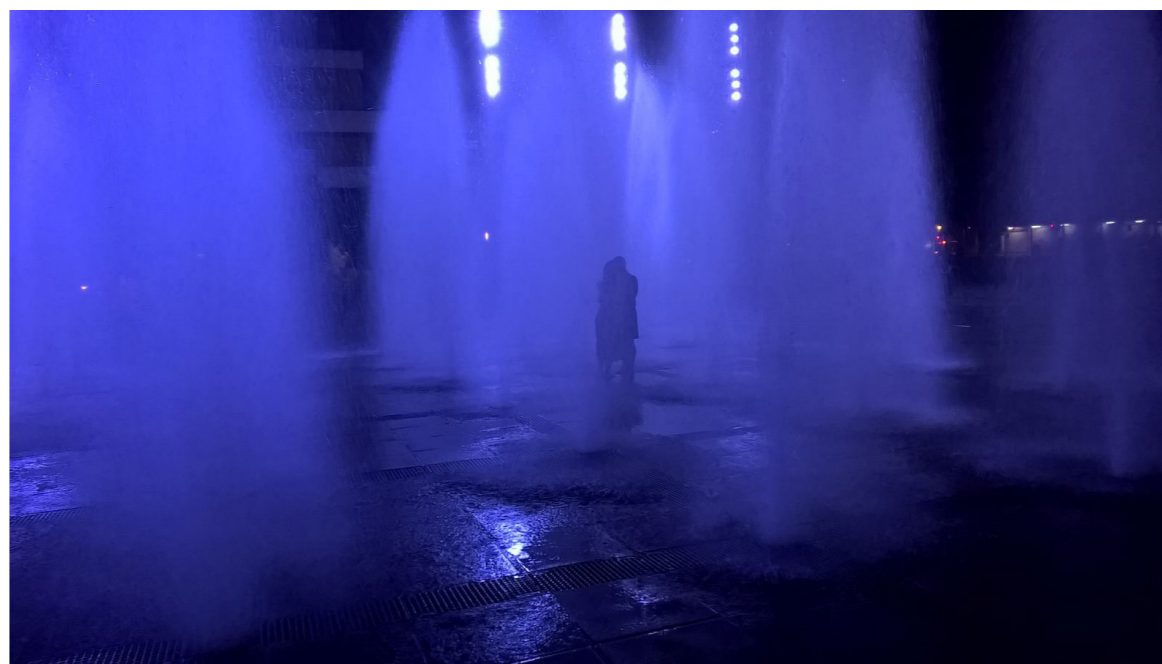


Figura 6 – Mergulho no mar da Praia da Estação, Belo Horizonte – MG.
Fonte: A. L. N. Medeiros, novembro de 2015.

- Está sentindo o cheiro do mar? – ela perguntou.
- Estou – menti.
- Hoje é dia das pessoas caírem em tentação – ela disse.
- Cair em tentação como? – perguntei.
- Quando o vento sopra como se Belo Horizonte tivesse mar, como hoje, as pessoas sofrem toda espécie de tentação – ela explicou.

(DRUMMOND, 1988, p. 163).



AGRADECIMENTOS

À CAPES, pelo auxílio concedido, sem o qual este trabalho não teria sido realizado.

Praias interiores e a ausência do mar
Aline Lúcia Nogueira Medeiros

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

DIÁRIO DO MAR EM MINAS. [Beatriz Mom]. 2017. Sesc Palladium. Disponível em: <https://www.facebook.com/diariodomarmminas/>. Acesso em: 1 maio 2017.

DRUMMOND, Carlos. **Corpo**. 1a ed. São Paulo: companhia das Letras, 2015.

DRUMMOND, Roberto. **Ontem à noite era sexta-feira**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1988.

HISSA, Cássio E. V. **A mobilidade das fronteiras**: inserções da geografia na crise da modernidade. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

MEDEIROS, Aline L. N. A lenta dança do mar na costa ou uma leitura sensível da grafia das ondas. 2017. **Dissertação** (Mestrado em Geografia) – Departamento de Geografia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

MELO, Thálita Motta. **Praia da estação**: carnavalização e performatividade. 2014. 159f. **Dissertação** (Mestrado em Artes) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

SENNET, Richard. **Carne e pedra**: o corpo e a cidade na civilização ocidental. Rio de Janeiro: BestBolso, 2008.

SERRES, Michel. **Os cinco sentidos**: filosofia dos corpos misturados. Trad. Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2001.

Submetido em Maio de 2019.

Aceito em Junho de 2019.